



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/08/2026 e 24/09/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/09/2026	13,03	354,60	67,70	7,14	5,27
21/09/2026	13,28	366,60	68,32	7,26	5,43
22/09/2026	13,25	368,90	67,37	7,17	5,36
23/09/2026	13,18	370,30	67,25	7,08	5,29
24/09/2026	13,16	375,20	66,82	7,05	5,26
Média	13,18	367,12	67,49	7,14	5,32

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	140,00	
RS – Não-Me-Toque	SC	
PR – Pato Branco	141,50	
PR – M.C.Rondon	139,00	
MT – C.N.Parecis	140,00	
MS – Maracaju	144,00	
GO - Rio Verde	139,00	
BA – L.E.Magalhães	145,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	71,00	CIF
Porto de Paranaguá	73,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Nonoai	61,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	58,00	
PR – Pato Branco	63,00	
MT – C.N.Parecis	51,00	
MS – Maracaju	56,00	
SP – Itapetininga	66,00	
SP – Campinas	70,00	CIF
GO – Rio Verde	59,00	
GO – Jataí	59,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não-Me-Toque	SC	
PR – Pato Branco	82,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 23/09/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/09/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	61,54	141,72	71,94

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/09/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	79,40
Feijão (saco 60 Kg)	186,60
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,36
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,65**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,63

(*) compreende preços para pagamento em
60 e 20 dias

(**) Referência Julho/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
Emater.

MERCADO DA SOJA

Nestes quase 30 dias em que estivemos ausentes deste comentário, o mercado da soja registrou importante elevação das cotações em Chicago. O bushel da oleaginosa passou de US\$ 12,56 no dia 27/08 para US\$ 13,28 no dia 21/09, tendo recuado um pouco após esta data, para fechar a quinta-feira (24) em US\$ 13,16, contra US\$ 13,19 uma semana antes. Destacando que a média de agosto chegou a US\$ 11,98/bushel, com aumento de 0,17% sobre a média de julho, porém, neste momento estando longe dos preços praticados.

Este forte aumento em Chicago, além das especulações climáticas sobre a safra dos EUA, vem da pressão do preço do petróleo no mercado mundial, com o mesmo tendo atingido a pouco mais de US\$ 100,00/barril neste período de setembro, devido a continuidade da guerra no Oriente Médio e da piora no conflito entre Rússia e Ucrânia. Aliás, na Europa existe um grande temor de que este último saia da região dos dois países em conflito e se espalhe pelo continente, resultando em uma guerra mais ampla e destruidora. Alguns analistas chegam a falar que o mundo estaria às portas da 3ª Guerra Mundial. Junta-se a isso a forte especulação dos Fundos em Chicago.

Dito isso, importante se faz alertar que o último relatório do USDA, sobre oferta e demanda, divulgado neste mês de setembro, não revelou perdas na futura safra de soja dos EUA cuja colheita iniciou neste mês de setembro. Ao contrário, o mesmo até aumentou a produção esperada, agora indicando uma colheita de 123,4 milhões de toneladas, com estoques finais estadunidenses em 8,4 milhões, com pequena baixa em relação a agosto. Já a produção mundial foi mantida em 442 milhões de toneladas e os estoques finais mundiais mantidos em 124 milhões. Por sua vez, mesmo com o aumento no preço mundial do petróleo, o óleo de soja, após atingir a 71,28 centavos de dólar por libra-peso no dia 10/09, recuou para 66,82 centavos no dia 24/09, sendo esta a quarta mais baixa cotação desde o dia 30 de junho em Chicago. Por sua vez, o farelo se manteve firme, atingindo a US\$ 375,20/tonelada curta no dia 24/09, a mais alta cotação desde o dia 11 de julho de 2024. Enfim, lembrar que os Fundos estão muito comprados em Chicago devendo, assim que a ocasião se apresentar, iniciar um movimento mais amplo de correção, vendendo contratos, fato que pode pressionar para baixo as cotações dependendo da intensidade do movimento.

Por outro lado, os embarques de soja, pelos EUA, na semana encerrada em 17/09, chegaram a 759.200 toneladas, superando levemente as expectativas do mercado. Na comparação anual, o desempenho também foi superior, já que na mesma semana de 2025 haviam sido embarcadas 565.600 toneladas, o que representa crescimento de aproximadamente 34%. A China respondeu por 59% destes embarques.

Enquanto isso, a colheita da soja nos EUA atingia a 12% da área no dia 20/09, contra 8% na média histórica.

De forma mais conjuntural, nesta semana os preços brasileiros da soja se mantiveram firmes, em alta. No Rio Grande do Sul, onde muitas praças estão sem cotação, a média semanal atingiu a R\$ 141,72/saco. No final de agosto esta média estava em R\$ 131,38. Ou seja, no período o saco de soja ganhou pouco mais de 10 reais junto ao produtor gaúcho. Nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 139,00 e R\$ 145,00/saco. Um mês atrás os valores ficavam entre R\$ 130,00 e R\$ 140,00/saco. Ou

seja, um aumento entre 5 e 9 reais por saco no período, dependendo da região do país. Auxiliou para isso a boa demanda pelo produto nacional, a relativa escassez do mesmo agora na entressafra, fato que elevou o prêmio nos portos (US\$ 1,85/bushel para setembro, em Paranaguá), e a manutenção de um câmbio ao redor de R\$ 5,15 por dólar.

No front externo, o mercado olha os resultados da nova reunião entre os presidentes da China e dos EUA. Xi Jinping chegou nesta quinta-feira (24) à capital norte-americana. Dentre os assuntos em discussão, existe a possibilidade de aumento nas compras de soja estadunidense pela China, fato que fortalece Chicago. Já no front interno, destaque para o início do plantio da nova safra de soja no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. No conjunto do país, 0,5% da área esperada havia sido semeada até o dia 18/09. Vale lembrar que no Mato Grosso, no momento, há umidade insuficiente no solo para um plantio adequado.

Enfim, embora os preços tenham perdido um pouco de fôlego nestes últimos dias, o produto posto nos portos segue com preços firmes. Para a soja disponível os mesmos seguem acima dos R\$ 160,00/saco, enquanto a soja da safra 2026/27 continua trabalhando acima dos R\$ 150,00 nos portos (R\$ 155,00 para entrega em fevereiro e pagamento em abril, e R\$ 151,00 para entrega em março, também com pagamento em abril).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho ensaiaram uma reação neste último mês, saindo de US\$ 5,10/bushel no dia 27/08 para US\$ 5,43 no dia 21/09. Posteriormente, o mercado cedeu um pouco, com o bushel fechando a quinta-feira (24) em US\$ 5,26, contra US\$ 5,30 uma semana antes. Por sua vez, a média de agosto fechou em US\$ 4,69/bushel, sendo ela 5,6% superior à média de julho.

O mercado externo do milho acusa pouca alteração diante de uma comprovada redução na safra dos EUA, cuja colheita já iniciou. O relatório do USDA, do dia 11/09, apontou uma produção final estadunidense em 401,3 milhões de toneladas, ficando ela 5,4 milhões de toneladas abaixo da projeção de agosto e 31 milhões abaixo da produção registrada no ano anterior. Já os estoques finais estadunidenses, para o ano 2026/27, ficariam em 39,8 milhões de toneladas, perdendo dois milhões em relação ao indicado em agosto. A produção mundial ficaria em 1,290 bilhão de toneladas, sendo oito milhões de toneladas a menos do que o indicado em agosto. E os estoques finais mundiais atingem 272,1 milhões de toneladas, perdendo 2,5 milhões em relação a agosto.

Dito isso, a colheita do milho, nos EUA, atingia a 13% da área no dia 20/09, contra 11% na média histórica. Já os embarques semanais de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 17/09, atingiram a 1,9 milhão de toneladas, superando o esperado pelo mercado. Este volume semanal foi o maior para esta semana nos últimos 44 anos. Japão e México responderam, juntos, por 58% do milho embarcado na semana indicada.

Em tal contexto, e mesmo diante das turbulências externas, é a pressão da colheita estadunidense que vem impedindo de as cotações do milho subirem mais. O mercado, agora, acompanha se o clima nas regiões produtoras não venha atrapalhar a colheita estadunidense. Isso porque, segundo o USDA, o consumo mundial do cereal poderá superar a produção em quase 30 milhões de toneladas em 2026/27.

E no Brasil, os preços internos também melhoraram, com as principais praças gaúchas trabalhando com R\$ 61,00/saco, enquanto as demais regiões do país praticaram valores entre R\$ 51,00 e R\$ 66,00/saco.

Por enquanto, a exportação brasileira ainda enfrenta problemas no ritmo de negócios, pois os preços nacionais são menos competitivos do que os dos correntes. Espera-se que para meados de outubro a situação melhore. Isso porque, assim como no cenário mundial, o quadro nacional é de uma demanda firme, diante de uma oferta em recuo. Mas, a reação, se houver, não será linear, pois o mercado mundial precisa absorver a entrada da safra dos Estados Unidos, enquanto o mercado brasileiro acompanha o ritmo das exportações, o câmbio, a demanda interna e, principalmente, a disposição de venda dos produtores. Mesmo assim, se espera uma melhoria nos preços internos do cereal neste restante do segundo semestre. Tanto é verdade que, na B3, os contratos para o primeiro semestre de 2027 estão rondando os R\$ 80,00/saco. Pelo sim ou pelo não, outubro será decisivo para dar uma direção ao mercado mundial e nacional do milho.

MERCADO DO TRIGO

Após disparar no final de agosto e início de setembro, quando o bushel atingiu a US\$ 7,64 no dia 1º do corrente mês, a cotação do trigo, em Chicago, cedeu bastante, fechando a quinta-feira (24) em US\$ 7,05, contra US\$ 7,27 uma semana antes. A média de agosto ficou em US\$ 6,76/bushel, ganhando 4,3% sobre a média de julho.

Apesar dos conflitos bélicos, especialmente entre Rússia e Ucrânia, o mercado do trigo cedeu, e vem oscilando em patamares menores nesta segunda quinzena de setembro. Enquanto isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, chegava a 17% da área esperada no dia 20/09, contra 21% na média histórica. Já o trigo de primavera estava com 96% de sua área colhida relativa a última safra.

Quanto às exportações, na semana encerrada em 17/09 as mesmas atingiram a 335.300 toneladas nos EUA, ficando dentro das expectativas do mercado.

Importante lembrar que o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 11/09, manteve uma safra reduzida de trigo nos EUA, com 41,7 milhões de toneladas e estoques finais, para 2026/27, em 19,5 milhões. No ano anterior a colheita e os estoques atingiram, respectivamente, 54 e 25 milhões de toneladas. Ou seja, a atual produção estadunidense é 22,8% menor do que a do ano anterior, enquanto os estoques finais são 22% menores. Já a produção mundial somaria 822,4 milhões de toneladas, ficando 22 milhões de toneladas menor do que a registrada no ano anterior.

E no Brasil os preços subiram, com o cereal atingindo a média de R\$ 71,94/saco no Rio Grande do Sul, enquanto no Paraná o produto atingiu valores entre R\$ 79,00 e R\$ 82,00/saco.

As condições das lavouras paranaenses pioraram diante das geadas tardias e do excesso de chuvas dos últimos dias. Com 46% da área colhida, apenas 64% das lavouras restantes se apresentavam em boas condições. O produto colhido apresenta baixa qualidade industrial, na maioria dos casos, enquanto a produtividade média está em recuo. Em termos gerais, aumenta a presença de trigo tipos 2 e 3, enquanto o produto de qualidade superior, tipo 1, está com menor disponibilidade.

No Rio Grande do Sul a colheita ainda está distante, com apenas 1% da área realizada, e as constantes e significativas chuvas, acompanhadas de granizo e ventos fortes, vêm causando estragos nas lavouras. Nesta safra, o Estado gaúcho plantou 814.000 hectares com trigo, uma queda de 30% em relação ao ano anterior, e projeta uma produção quase 40% menor, estimada em cerca de 2 milhões de toneladas.

Assim, a disponibilidade de trigo será ainda menor no Brasil, após o forte recuo na área semeada. Isso eleva o preço interno do cereal e obriga o país a importar mais no ano comercial 2026/27. “A desuniformidade no desenvolvimento das lavouras é uma das marcas da atual safra gaúcha”. Afora tudo isso, as lavouras do sul do país estão sendo atacadas por diferentes doenças, especialmente oídio e giberela.

Por enquanto, a Conab ainda projeta uma safra nacional de 5,7 milhões de toneladas (recuo de 27,1% sobre o ano anterior), porém, a qualidade do produto será baixa em grande parte das áreas colhidas. Com isso, as importações nacionais de trigo devem ficar entre 7 e 8 milhões de toneladas. Boa parte deverá vir da Argentina, porém, a dificuldade de produção em outras regiões do mundo tende a aumentar a concorrência pelo trigo do vizinho país.

Em tal contexto, para o produtor, “em um cenário de menor disponibilidade de trigo tipo 1, lotes que mantenham PH, força de glúten e demais parâmetros exigidos pela indústria podem encontrar valorização relativa, enquanto grãos de classificação inferior ficam mais expostos a descontos. Já para os moinhos, a questão será inversa: saber quanto da safra doméstica poderá efetivamente entrar na produção de farinha e quanto precisará ser substituído por produto argentino ou de outras origens” (cf. Cepea).

Enfim, se por um lado a safra menor sustenta as cotações, por outro lado será a qualidade do produto que definirá quem conseguirá aproveitar esse movimento. Em 2026, produzir trigo não será suficiente: os ganhos ficarão com quem conseguir entregar o grão exigido pela indústria.